

## CONCEIÇÃO, NOEMI E GUTA: Os alter egos de Rachel de Queiroz

Lilian Ribeiro<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo versa sobre aspectos autobiográficos e de gênero subjacentes em “O Quinze”, em 1930; “Caminho de pedras”, em 1937 e “As três Marias”, em 1939, no qual a escritora brasileira Raquel de Queiroz enfatiza questões sociais e ideológicas, descrevendo a própria condição feminina, por meio da ficção romanesca e das ações das protagonistas das três tramas. Nessa intenção, à luz de uma bibliografia pertinente e mediante análise do conteúdo e do discurso, foram examinadas a ambientação ficcional e suas relações com o contexto sociopolítico-cultural de recepção crítica das três obras.

**Palavras-chave:** autobiografia, gênero, ficção, discurso, feminino, literatura.

**Resumen:** Este artículo versa sobre aspectos autobiográficos y de género subyacentes en “O Quinze”, de 1930; “Caminho de pedras”, de 1937 y “As três Marias”, de 1939, en que la escritora brasileña Rachel de Queiroz enfatiza cuestiones sociales e ideológicas, describe la propia condición femenina, a través de la ficción novelesca y de las acciones de las protagonistas de las tres tramas. En este sentido, a la luz de una bibliografía pertinente y por medio del análisis del contenido y del discurso, se analizó el escenario de la ficción y sus relaciones con el contexto sociopolítico-cultural de recepción crítica de las tres obras.

Palabras-clave:

<sup>1</sup> **Lilian Adriane dos Santos Ribeiro** é Licenciada em Letras Habilitação em espanhol pela Universidade da Amazônia- Brasil, Mestra em Linguística Aplicada ao Ensino de Espanhol como Língua Estrangeira pela Universidade de Salamanca-Espanha e Doutora em Literatura Espanhola e em Estudos de Gênero: Mulher, Comunicação e Escrituras, do Departamento de Literatura Integradas da Universidade de Sevilha-Espanha. Pesquisadora do GEPEM (Grupo de Estudos e Pesquisa Eneida de Moraes sobre Mulher e Relações de Gênero (GEPEM/UFGA- Universidade Federal do Pará), Sócia de Audem (Associação Universitária de Estudos das Mulheres) e pesquisadora do Grupo Escritoras e Escrituras – Universidade de Sevilha. Professora de CELP - Sevilha (Centro de Estudos de Língua Portuguesa), centro examinador oficial de PLE pela Universidade de Lisboa. E-mail: lidriany@hotmail.com.

## Introdução

Rachel de Queiroz (1910-2003), uma escritora de referência no Brasil. Uma das literatas brasileiras mais importantes. A vasta criação desta romancista computa: contos, crônicas, romances, peças de teatro, críticas literárias e livros infantis. Foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras e também a primeira a ser galardonada com o Prêmio Camões. Aos 20 anos de idade, publicou “O Quinze”, seu primeiro romance (1930). Com este livro, se consagrou no ciclo da Literatura Regionalista Nordestina. Além de “O Quinze”, também são bastantes conhecidos os romances: “João Miguel” (1932), “Caminho de Pedras” (1937), “As três Marias” (1939), “O Galo de Ouro” (1950), “Dôra, Doralina” (1975) e “Memorial de Maria Moura” (1992).

Também podemos dizer que foi uma das precursoras da Literatura Feminina no Brasil. Com o desenvolvimento dos estudos de gênero e sua utilização como instrumento útil para a análise histórica<sup>2</sup>, Rachel de Queiroz no âmbito acadêmico era considerada uma peça chave na consolidação de uma escrita de mulheres no Brasil e na história da profissionalização da mulher como escritora (GUERELLUS, 2009).

Na década de 30, surgiu no Brasil o romance de 1930 ou Neorealismo, movimento em que os romancistas enfatizavam as questões sociais e ideológicas. Nesta época de grande agitação política no mundo, Getúlio Vargas, no Brasil, assume o poder depois da Revolução, inaugurando o Estado Novo; enquanto o mundo vive um período entre guerras e assiste à ascensão do Socialismo Soviético. Neste tumultuado contexto mundial e brasileiro, Rachel de Queiroz, por meio da ficção romanesca e das ações das protagonistas das obras denuncia as desigualdades sociais, as injustiças do mundo, principalmente as situadas na região do Nordeste brasileiro.

<sup>2</sup> Sobre a importância do conceito de gênero para a história. Scott, J (1990), “Gênero: Uma categoria útil de análise histórica”. In: Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, nº. 16, 2 jul/dez, ver também: Pedro, J. M (2005), “Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica”. In: História, São Paulo, Vol. 24, nº. 1, pp. 77-98; Soihet, R & Pedro, J. M (2007), “A emergência da pesquisa da História das mulheres e das relações de gênero”. In: Revista Brasileira de História, São Paulo, vol. 27, nº. 54, p. 281-300.

Dentre esta produção, três romances escritos na década de 30 são representativos da própria condição feminina da escritora e suas relações com o contexto sociopolítico-cultural: “O Quinze” (1930), “Caminho de Pedras” (1937) e “As três Marias” (1939). É neste sentido que se justifica, no âmbito do presente artigo, a análise do conteúdo e do discurso dessas obras, visto a verossimilhança biográfica de Raquel de Queiroz com a história das protagonistas, isto é: tem origem num ambiente familiar – lócus onde escritora e personagens iniciam o percurso em um ponto sólido: a terra, a família. Daí, partem para a vivência de experiências que lhes causarão mudanças na visão de mundo para a construção de uma identidade independente, embora muitas vezes retornem ao espaço privado, ora decepcionadas ora mais conscientes. Claude Hulet, no terceiro volumen de sua obra *Brazilian Literature*, afirma que Rachel de Queiroz escolhe “O Ceará como ponto de partida para o universo” (HULET, 1974, p. 320).

Em geral, só conta histórias reais que presenciou ou as que escutou de alguém de confiança (QUEIROZ, 1985, p. 20-22). Tanto nos romances como nos seus livros de crônicas, a escritora descreve suas experiências, sua escrita está composta de dados autobiográficos. Nos seus primeiros escritos procurava o tom confessional recuperando de sua memória, lembranças da infância, depois foi evoluindo e tratando outros temas mais complexos. Sobretudo, a arte de contar o regional, a terra natal, o sertanejo, esta é a perspectiva dominante nos seus romances e crônicas. “Eu sou um produto da minha terra, não é? Não teria como ser diferente. E falo a linguagem que o povo fala na minha região” (QUEIROZ, 1997, p. 26).

Rachel como muitas escritoras de sua geração, comoveu-se com a condição feminina, com a natureza e seus conflitos, revelando em suas obras múltiplas vivências. Essas mulheres (escritora e protagonistas) entrelaçaram suas vidas (uma dando vida e força à outra) no contexto da obra de ficção. Embora Rachel de Queiroz tentasse negar que seus romances eram autobiográficos, em 1998 publica “Tantos anos” e em 2000 publica “Não me deixes – suas histórias e sua cozinha”, escritos em parceria com sua irmã, Maria Luisa. Também há várias entrevistas e declarações da própria escritora afirmando que suas obras são escritas com base em rico componente autobiográfico: “Sim. Mas eu digo a você que a parte mais difícil do

romance foi diluir o âmbito propriamente pessoal, o depoimento, a lembrança pessoal. E é claro que tive uma enorme dificuldade de retratar pessoas vivas, sendo amiga delas” (QUEIROZ, 1997, p. 31).

Além disso, temos diversos livros, teses e artigos escritos por muitos estudiosos e biografos. Em 2003, “No Alpendre com Rachel”, de José Luis Lira, e “Rachel de Queiroz”, as edições de Heloisa Buarque de Hollanda, dos “Cadernos de Literatura Brasileira”, direção de Antonio de Franceschi, entre outros.

Elódia Xavier, em *Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino* (1998), mostra que as protagonistas rompem com o espaço da “casa” para experimentarem o mundo da “rua” (XAVIER, 1998, p. 42), o trabalho da pesquisadora é mostrar as personagens de Rachel dentro do contexto familiar e destaca a criação de personagens representativas dos conflitos inerentes à situação da mulher no espaço marcado pelo patriarcalismo, em que se estabelece o percurso entre a casa e a rua. Muitas vezes a personagem retorna ao espaço privado, decepcionada, porém mais madura, pois sua visão de mundo é outra.

#### O Autobiografismo Racheliano em “O Quinze”, “Caminho de Pedras” e “As três Marias”.

Rachel descreve em “O Quinze” a experiência da fome, do nomadismo e da miséria. Não exatamente a sua, já que era criança quando aconteceu a seca de 1915, tinha somente 4 anos, no entanto, redatou o romance sobre cada uma das reminiscências do arquivo de sua memória. Senhorita e filha de fazendeiros, ela assistiu à procissão de dezenas de emigrantes que passavam por sua porta, os viu famintos, mendigar um pedaço de pão e água em cada porta. Lembra-se que obrigaram os empregados de algumas fazendas a imigrar para as cidades grandes à procura de sustento. Eles procuram sobreviver, mas o que encontram é uma réstia de dores e perdas, pois, as consequências da fuga são piores do que as já vividas na região da seca. De fato, ao deixarem a fazenda onde sempre moraram e trabalharam, deixam seu habitat natural e suas raízes, com pouco dinheiro e muita esperança de chegar ao Norte do Brasil, onde

esperam conseguir emprego na extração da borracha, também uma vida melhor, longe da miséria e da fome. Também querem trabalhar nas grandes metrópoles do Sul do país. Outros se refugiam em Fortaleza ou na serra para esperar o inverno e regressar à fazenda para poder recuperar a plantação e o gado. Sobre estas circunstâncias, afirma a escritora: “Em 1915, papai já deixara a cidade e estava muito interessado no sertão, onde mandara fazer umas plantações de arroz. Mas então veio a seca, ele perdeu a plantação e quase todo o gado. É a história que conto em ‘O Quinze’[...]” (QUEIROZ; QUEIROZ, 2010, p. 16).

Em “Caminho de Pedras”, narra o contexto da ditadura de Getúlio Vargas no Brasil (1930-1937). Os momentos históricos e políticos refletidos nos comportamentos, desejos e na luta das personagens, especialmente nas ações da protagonista Noemi, a qual, no começo da obra, era casada com Jaques e mãe de Guri. O livro também conta a relação amorosa de Noemi e Roberto, jornalista que chega à Fortaleza para fundar o Partido Comunista Cearense. Nesta obra, há outra protagonista comprometida com a causa social, que não teme desafiar as convenções sociais e terminar seu casamento estável para ser dona do próprio destino. Mas paga um preço bem alto por sua “rebeldia”: perde o filho, o emprego, o amante é preso e ela fica grávida, sozinha, pobre e sem perspectiva de vida melhor (HOLLANDA, 2005, p. 19).

Nesta “autobiografia ficcional”, a literata rememora o período de sua militância no PC e denuncia o tratamento autoritário sofrido pelos intelectuais:

Na primeira reunião da célula que o intelectual ia, ele era posto no seu lugar de cidadão de segunda classe, porque os reis do mundo eram os operários. Então, a gente não podia ter opinião, não podia discordar, tinha que dizer só “sim, senhor” para tudo. Em ‘Caminho de pedras’ eu coloco isso logo no começo (QUEIROZ, 1997, p.29).

No romance “As Três Marias”, Queiroz relata a história de Maria Augusta, a Guta. A narrativa começa quando ela, aos 12 anos, entra no internato Imaculada Conceição. Ali conhece Maria da Glória e Maria José começando uma profunda amizade. As amigas ficaram conhecidas como as três Marias, estrelas da constelação de Orion, recebem este apelido por serem amigas

e estarem sempre juntas. O livro conta as peripécias que as internas aprontavam no colégio, as amizades proibidas entre meninas ricas e pobres- as orfãs, a educação católica que recebiam. Mas o tempo passa e chega o dia de abandonarem o colégio, já adultas cada uma segue o seu caminho, mas a amizade permanece: Glória se casa e tem um filho; Maria José vai morar com a mãe e os irmãos, se torna uma mulher muito religiosa e afastada dos prazeres mundanos; Maria Augusta, após sair do internato vai morar com a família no Cariri<sup>3</sup>, porém, ao se desentender com sua madrastra, retorna à Fortaleza e começa a trabalhar como datilógrafa. Guta sofre um aborto e regressa ao interior para morar com a família.

Acerca deste romance, Raquel revelou: “As três Marias é meu romance mais autobiográfico” (HOLLANDA, 2005), p. 20; CBL, p. 31). Em depoimento, a escritora comentou sobre a angústia e timidez que sentiu ao entrar no colégio, a saudade de sua casa e da família. Conforme relatou, à medida que a noite ia crescendo, ela ia se sentindo mais triste e vendo tudo mais confuso. “Na cama- tudo calado – longe de Glória, de M<sup>a</sup> José, entre duas estranhas, sua tristeza afinal explodiu, chorou até esgotar todos os soluços, todas as lágrimas, chorou até dormir, exausta, devorada, rolando a cabeça dolorida, sem repouso, no travesseiro quente e duro” (QUEIROZ, 2009, p. 17).

### Conceição e Guta, alter egos de Rachel de Queiroz.

Pelos olhos de Conceição, Rachel conta a experiência que viveu durante a seca de 1915. Assim também, por intermédio de Conceição e Guta, conta a infância, a vida campestre, as férias no Junco e Pici<sup>4</sup>, os costumes da fazenda, a educação no colégio Imaculada Conceição, a fase adulta, profissão, leituras, amores e viagens.

<sup>3</sup> A microrregião do Cariri é uma das microrregiões do estado brasileiro do Ceará pertencente à mesorregião Sul Cearense. Sua população foi estimada em 2009 pelo IBGE em 528.398 habitantes e está dividida em oito municípios. Possui uma área total de 4.115,828 km<sup>2</sup>.

<sup>4</sup>Propriedades da família em Quixadá. Quixadá é um município brasileiro do Estado do Ceará localizado na Mesorregião dos Sertões Cearenses e Microrregião do Sertão de Quixeramobim. Possui uma população de 83.990 mil habitantes.

A autora e as protagonistas Guta e Conceição pertencem à classe média, seus familiares possuem terras (BARBOSA, 1999, p. 66). São jovens de famílias tradicionais, as avós eram matriarcas do sertão; e os avôs e pais profissionais liberais que se encarregaram da educação das filhas ou os avós ensinavam as primeiras letras às netas, exercendo grande influência no tipo de leitura e comportamento livre. As três moraram entre o campo e a cidade, passavam o verão estudando e trabalhando em Fortaleza e no inverno iam para o sertão descansar e viver a vida campestre: Rachel, para Quixadá; Conceição, para Aroeiras; e Guta, para o Cariri. Ali se entregavam à intensa leitura. Curiosamente, tanto Rachel quanto Conceição e Guta tinham o mesmo gosto para a leitura e por isso liam os mesmos livros. Quando juvenzinhas, liam os romances franceses e nacionais para mocinhas e mais tarde começaram a fazer outro tipo de leitura: Nordau e Renan (Idem, p. 35). Foram estas leituras que influenciaram a escrita e o modo de pensar e viver.

As três foram normalistas, em “As três Marias”. Rachelzinha<sup>5</sup> conta em primeira pessoa através de Guta sua experiência durante o período de internato: amizades que perduraram anos até a morte das amigas, a saudade que sentia de casa, o fato de ela não saber rezar, por isso, a avó paterna obrigou o filho Dr. Daniel colocar Raquel num internato católico. Conceição e Rachel tornaram-se professoras e escritoras (PEREZ, 1970, p. 321). Guta representa o período que a escritora trabalhou como funcionária pública e como secretária no PC do Brasil, além das suas primeiras tentativas de escrever no colégio criando um jornal “Santa Gaiola”-satírico e independente, impresso a mão, em tinta roxa e ilustrado a lápis de cor - visando criticar os professores, seus hábitos, seus ridículos amores e infortúnios. Igual aos primeiros escritos da escritora, suas primeiras tentativas de escrever poesia e contos cheios de terror, além da primeira crônica que escreveu ao “Ceará”, criticando o concurso de beleza “Rainha dos estudantes”, em 1926.

Durante a seca de 1915, tanto a protagonista Conceição quanto a autora moravam no Bairro do Alagadiço (CLB, p. 10) perto de onde fora construído o primeiro “campo de

<sup>5</sup> Nome adotado pela família para diferenciá-la da avó paterna que tinha o mesmo nome.

concentração” de Fortaleza. Ambas foram voluntárias para ajudar os flagelados que chegavam do deserto e se alojavam ali. Em “As três Marias”, Guta passava alguns domingos na casa da família de Maria José, que ficava também no bairro do Alagadiço. As ações das personagens e da escritora se desenvolvem entre o sertão do Ceará, Fortaleza e Rio de Janeiro, no caso de Guta - cidades que Rachel conhecia muito bem.

Este ir e vir entre a cidade e o campo possibilitou que a escritora, com sabedoria, descrevesse a paisagem local, paisagem que muitas vezes presenciou durante suas viagens de trem, quando fazia o trajeto da cidade à fazenda do Junco ou à do Pici. Ou as viagens de navio ao Rio de Janeiro narradas por Maria Augusta. Todas tinham vontade de descobrir coisas, de ter liberdade. “O mundo: grande era a minha sede. Não de prazeres proibidos, não só de prazeres proibidos” (QUEIROZ, 2009, p. 83). Essas mulheres deixaram o sertão para encontrar a vida: em Fortaleza, Guta; e Rachel, no Rio de Janeiro. A escritora desde criança teve uma vida itinerante, com o primeiro marido, José Auto, funcionário do Banco do Brasil também viajou muito pelo Brasil.

As lembranças de infância e adolescência estão todas conectadas à fazenda do Junco e Pici. Em “O Quinze”, a literata as descreve como a fazenda do Logradouro: a casa grande, o açude, os passeios a cavalo, as figuras dos sertanejos e habitantes, a divisão do trabalho segundo o sexo dos seus habitantes. Também descreve os costumes da fazenda: o despertar pelas manhãs, o café da manhã, a cozinha da fazenda e a falta de luz elétrica. O costume da fogueira de São João e dos afilhados, do alpendre com as redes, as conversas e histórias dos habitantes são temas constantes nas obras de Rachel e nas fazendas do Nordeste.

Em “As três Marias”, Rachelzinha descreve as tarefas que Guta tinha que realizar para ajudar a madrastra, a venda de um boi para viajar à Capital Carioca- costume muito comum nas fazendas nordestinas, andar a cavalo, os banhos de chuva, as histórias que o pai lhe contava deitados na rede no alpendre: “Onde estão as poesias que você me ensinava de noite, no alpendre, eu deitada com você na rede de corda, nós dois olhando a grande lua vermelha que ia subindo, nós dois repetindo os versos” (QUEIROZ, 2009, p. 55). O pai das protagonistas é de

grande importância e de grande influência na educação de ambas, assim como o Dr. Daniel, pai de Rachel, foi seu grande mestre e educador. Por isso, não nos resta dúvida, de que os livros marcam pontos comuns a sua biografia. Outro tema tratado nos romances é a religiosidade e a fé do povo nordestino. O catolicismo é um dado recorrente na narrativa, inclusive as personagens têm nomes católicos. As protagonistas e autora receberam uma educação católica, em colégios de freiras francesas. Embora sejam ateias, essa fé foi representada por meio de personagens secundárias. Os nordestinos se agarram à fé em São José para sair adiante no período de estiagem (CASCUDO, 2002, p. 545). A ficcionista relata estes costumes se baseando nos relatos das avós: Rachel e Maria Luisa, da babá Mãe Titó e de pessoas amigas. Estas tradições têm sido descritas pela romancista em muitas de suas crônicas e romances.

Outro dado autobiográfico é quando a literata descreve o fim dos estudos no colégio Imaculada Conceição em 1925, quando ela e suas protagonistas, Conceição e Maria Augusta regressam à fazenda. Descreve o que as famílias esperavam delas: ajudar em casa e prepará-las para um bom casamento. Sobre isto, diz Guta: “menina-e-moça me tiraram do ninho quente e limitado do colégio – e afinal conheci o mundo” (QUEIROZ, 2009, p. 79). Rachel e Guta eram primogênitas; os irmãos menores, hostis, malignos, teimosos e as perturbavam com discussões e choradeiras, nas horas de distração: “É difícil exprimir em algumas linhas tudo o que foi para mim esse tempo decisivo, que exigiria talvez um livro, só ele para dizer as minhas rebeldias, minhas lágrimas à noite, meu desesperado desejo de fuga, que chegou a ser quase uma obsessão” (QUEIROZ, 2009, p. 82), desabafa Guta.

Tanto em “O Quinze” quanto em “As três Marias”, as protagonistas se sentem oprimidas por um família tradicional e patriarcal e pelo meio em que vivem. No primeiro romance, o modelo tradicional de mulher é a avó D. Inácia: “Mulher que não se casa é um ‘aleijão’[...] - Esta menina tem umas idéias!” (QUEIROZ, 2010, p. 14), e no quarto romance a repressão vem da parte da madrasta e da amiga Maria José: Ai, não é propriamente uma mulher, é um escoteiro” (QUEIROZ, 2009, p. 54).

Também percebemos que estas mulheres não seguiam o modelo de mulher da década de 30, ou seja, que não queriam se realizar através do casamento, queriam crescer como pessoa e profissional. Rachel de Queiroz, procurou espelhar e escrever sobre protagonistas que não se conformassem com a situação de submissão a que eram submetidas. Conceição não quer se casar ou manter-se casada para fugir do tradicional papel destinado ao feminino. Estudar, trabalhar e escolher um homem que a respeite é a meta da protagonista. Guta, foge da fazenda familiar para não ser dona de casa: “Comecei a trabalhar. E parecia-me que a felicidade começava. Viver sozinha, viver de mim, viver por mim, livrar-me da família, livrar-me das raízes, ser só, ser livre” (Idem, p. 82).

Maria Augusta, tinha muita vontade de amar, de conhecer alguém, idealizava o amor por influência dos romances para moça que lia, mas na verdade tinha muito medo do amor, de se entregar, de pecar e ser julgada pela sociedade. Rachel de Queiroz em ambas obras trata o universo feminino, a moda da década de 30, os tipos de mulheres, o que estava permitido para uma mulher da época, esses modelos são apresentados em personagens secundárias de ambas tramas, mas também mostra o novo modelo de mulher que está surgindo, mais independente e dona do seu destino.

Em ambos livros o amor fica no plano idealizado, não se realiza, mais uma vez há desencontros. Maria Augusta, teve duas relações amorosas, uma com Raul, homem casado e a segunda oportunidade de encontrar o amor foi com Isaac, mas o amor não se concretiza, Isaac supostamente regressará à seu país, pois seu visto vence; ela sofre um aborto e acaba voltando à seu local de origem; sentindo-se fracassada e frustrada, mas retorna ao lugar que chama de lar; descreve a solidão; a dor da perda e o desamor. Queiroz também teve duas oportunidades para encontrar o amor, com José Auto e com Oyama, também perdeu sua única filha, Clotildinha com menos de dois anos.

En “O Quinze”, é possível que o galã Vicente haja sido inspirado em Arcelino, primo paterno da escritora, filho de Adelaide e de Francisco de Matos Brito (Chichio), os donos de Guaramiranga. Embora Rachel de Queiroz não conte o motivo pelo qual não se casou com seu

primo Arcelino, temos fortes indícios que nos faz acreditar que foi pelo mesmo motivo que sua protagonista não se casou com Vicente. Porque a literata assim como Conceição eram mulheres letradas, almas inquietas, que buscavam crescer como pessoa e como profissional, coisa que não teria sido possível ao se casar com um sertanejo, talvez Conceição teria que desistir de seus sonhos de escritora, jornalista e de residir na capital porque ele sendo tão apaixonado pela terra, não a abandonaria para seguir sua esposa em seu crescimento. Também não o entenderia.

A narrativa termina com a chegada das chuvas que representa o inverno brasileiro, o começo delas não só representa a esperança de salvar a terra e os animais, mas também a ilusão de voltar para casa com a família e mais que nada a luta e o trabalho que começará a partir deste momento para salvar a propriedade. Os Queiroz ao regressarem do grande período de migração começaram com os trabalhos no Junco. Emigraram em 1917 para o Rio de Janeiro e depois para Belém do Pará, retornando ao Ceará em 1919, indo para a serra de Guaramiranga esperar a chegada do inverno no sertão. Conseguiram se recuperar graças ao intenso incentivo que o pai, Dr. Daniel dedicou à criação do gado.

#### **Rachel e Noemi: doces anarquistas.**

O livro critica as diferenças e conflitos entre os operários e profissionais liberais, principalmente do ponto de vista do intelectual. “Caminho de pedra” mostra o problema da legitimidade do intelectual dentro dos movimentos da esquerda revolucionária (CAMARGO, 1997, pp. 27-28).

O título da obra tem sentido metafórico que reflete o contexto que a obra foi escrita. O título “Caminho de Pedras” se refere aos caminhos tumultuados, as pedras no sentido metafórico representa os obstáculos que estas duas mulheres: a protagonista Noemi e a autora tiveram que enfrentar para conseguir o que almejavam; a liberdade política e social, em uma sociedade fechada para as vozes femininas e para seus direitos como cidadãs. Obstáculos que

tiveram que superar na infância, na adolescência, como mulher, como mães, como esposas, pois foram profissionais em uma década em que a mulher estava excluída da vida social e sua única participação se fundamentava em missões passivas, desenvolvidas dentro do lar, onde tinham a obrigação moral e social de cuidar de sua família. As pedras foram todos os conceitos e divisão sexual do trabalho que estas mulheres tiveram que romper para chegar a serem sujeitos produtivos de pleno direito e atuar como únicas donas de seu destino.

O romance marca o reposicionamento de Rachel de Queiroz contra o Partido Comunista. É um livro sobre a organização do partido no Ceará, os mecanismos autoritários, preconceitos e instabilidades.

“Caminho de Pedras”, também trata a relação amorosa de Roberto e Noemi. Ele é um jornalista que chega a Fortaleza com a missão de ajudar na fundação do Partido Comunista do Ceará. Noemi, casada e mãe, também se torna um membro da organização. Neste relato ficcional, Raquel conta suas experiências e o cotidiano dos trabalhadores e dos intelectuais, em Fortaleza, que lutaram por uma consciência social com o objetivo principal de organizar um Partido Comunista no Ceará. No momento que escreveu este romance, ela se dedicou a organização de uma sede regional do PC em Fortaleza. Em suas memórias a autora admitiu que já era extremamente politizada e "comunizada", quando ela foi convidada para receber o Prêmio Graça Aranha, em 1931, associou-se definitivamente ao Partido Comunista e assumiu algumas funções na célula de Fortaleza. No Rio de Janeiro, recebeu as primeiras ordens do Partido. A autora personifica em Roberto, amante de Noemi, a protagonista, muitas de suas experiências. Tanto ela como Roberto tiveram que se comprometer a recuperar o antigo "Bloco Camponês", ou seja, tinham a missão de criar uma célula do PC, na cidade de Fortaleza. Rachelzinha também participou de muitas reuniões e manifestações comunistas, estas foram feitas em segredo, algumas realizadas no silêncio da noite no Pici.

A conversa na qual Roberto fornece dados sobre sua vida e formação. Esta externalização reflete o caráter autobiográfico da escritora. Seu retorno ao Ceará, depois de passar pelo Rio; sua profissão de jornalista, o posto de trabalho que ia ocupar; o pouco

dinheiro, etc. A escritora foi jornalista durante muitos anos nos dois jornais Fortaleza “O Diário” e “O Correio”, onde também trabalhava Roberto. Como Roberto, Rachel também sempre reclamou da ninharia que lhe pagavam no jornal. Além de ter sido recebida por um operário para estabelecer contato com o PC no Rio de Janeiro.

Outros dados autobiográficos encontrados em Roberto: o grande amor que este tem pelas redes. A escritora sempre deixou claro o seu amor por uma rede, até no seu apartamento no Rio de Janeiro pôs uma para continuar com sua rotina campestre. Coisas do destino, no dia do seu falecimento, Rachel morreu deitada em uma rede na varanda de seu apartamento na capital carioca. Também podemos dizer que ambos moraram em um sobradão em uma pensão de Fortaleza. Guta, a protagonista de seu quarto romance também chegou a morar num sobradão antes de se mudar para a casa de Maria José.

A romancista mostra que cada uma das personagens tem um pouco dela e da realidade que presenciou durante a militância (Noemi, Roberto, Angelita, Filipe Rufino). Essas personagens representam seu início no Partido Comunista; o amor pela causa; o tempo que estava disposta a matar e morrer pelo PC, e aceitar todas as submissões. Quanto mais o partido lhe exigia, mais se submetia. Foi a primeira fase de sua militância; a fase das inquietações; do desejo de justiça social; de heroísmo; o lado ilegal, de um partido que, naquele momento seduzia aos jovens inquietos e justiceiros.

Durante os primeiros anos era necessário mostrar lealdade ao PC, Rachel o relata perfeitamente no livro através de Noemi. Era necessário dar provas durante anos, principalmente ao que se referia a submissão ideológica ao stalinismo (QUEIROZ; QUEIROZ, 2010, p. 77).

Da mesma forma e através de outras personagens: João Jaques e Assis, descreve o quanto se decepcionou com o comunismo e sua ruptura com ele. Mostra o ponto de vista mais reacionário do PC, o que lhe fez deixar o grupo. Neste livro, sua dissidência e ruptura com o partido são representados pelos dois personagens acima mencionados. Quando o grupo começou a pedir-lhe explicações sobre sua vida pessoal e seu trabalho. Sendo forçada a pedir

permissão para fazer qualquer coisa, inclusive tinha que consultar a opinião de seus camaradas por questões menores.

Na crônica "Um pão por dia", Rachel de Queiroz comentou sua ingenuidade na época em que era militante: a revolução não era viável, e as nações comunistas acabaram se tornando fábricas de corrupção e tirania (QUEIROZ, 2002).

Decepcionada, Rachel não hesitou em deixá-lo quando se sentiu ameaçada, quando sentiu que sua autonomia intelectual estava ameaçada e sua liberdade de criação diante da censura de seu segundo livro “João Miguel”.

Ao contar a história de Jaques, Queiroz faz uma analogia com a história de seu primeiro marido, José Auto, a única diferença era que Zé não era comunista, assistia as reuniões como observador, mas não fazia parte da "Quarta Internacional". Rachel conta no livro que Jaques depois da prisão, espancamentos e fome sofrida no tempo de prisão desertou do PC. Como Rachel passou a ser considerado um "traidor" pelos membros do PC. Em 1934, Zé Auto foi preso, embora não fosse militante. Quando foi liberado e voltou para casa, ficou muito amargo, irritado, e rebelde, não querendo continuar em São Paulo, pediu transferência para o Ceará.

Nos capítulos 13 e 14 do romance descreve a experiência na prisão de muitos dos elementos da Quarta Internacional. Narra a prisão Aristides Lobo, Mário Xavier, e muitos outros, mas com outros nomes, soltos quase um mês (QUEIROZ, 2004, pp. 84-86).

Noemi é a única protagonista dos romances de Raquel que não tem raízes no campo. Foi nascida e criada na cidade de Acre<sup>6</sup>, depois do casamento, ela vai morar em Fortaleza. A viagem de João Jaques para o Norte do Brasil, simboliza o ano de 1915, quando a escritora viaja com os pais, fugindo da seca, e vai morar em Belém do Pará em 1917. Uma aventura e um mundo diferente do seu de Fortaleza (QUEIROZ; QUEIROZ, 2010, p. 26)

<sup>6</sup> Ciudad Brasileña al Norte del País, cerca de la Amazonía.

A Capital Cearense é o segundo espaço procurado pela protagonista na sua luta pela autoafirmação, assim como Conceição e Guta. Sentem-se oprimidas pelo meio limitado de origem, partem para a cidade grande em busca de um espaço mais adequado para as suas aspirações existenciais (BARBOSA, 1999, p. 77). Da mesma forma que Rachel, foi para o Rio de Janeiro, em busca de afirmação e crescimento profissional e pessoal.

Como Noemi que após seu casamento deixou Acre, Queiroz ao se casar com seu primeiro marido, também deixou a cidade de Fortaleza e foi morar com ele na Bahia, Maceió e no Rio de Janeiro. A vida itinerante de Rachel foi semelhante à de Noemi. Ambas sentiram-se limitadas e buscaram espaço, autoafirmação: “Tinha loucura de conhecer esse mundo [...] procurava respirar bem fundo e sentir o cheiro da liberdade” (QUEIROZ, 1997, p. 79).

A família Queiroz, como a família de Noemi, era uma família grande. As avós tiveram muitos filhos, por isso muitos tios e primos, além de quatro irmãos. Era uma família peculiar: irmãos que eram tios, sobrinhos que eram primos etc (QUEIROZ; QUEIROZ, 2010, p. 257; BARBOSA, 1999, p. 22).

Noemi casada e mãe de uma criança, não contava com a ajuda de João Jaques, ele não ajudava com as tarefas domésticas. Ela só tinha a ajuda de sua comadre. Enquanto Noemi trabalhava no estúdio de fotografia, a comadre cuidava da casa e do Guri.

Quando Rachel se casou com José Auto, estes foram viver em Itabuna-Bahia. Lá estavam longe da família e amigos. A escritora confessa que se sentia muito só, porque o marido era bom e afeiçoso, mas não era uma pessoa solícita. Então, se sentia em um total desamparo, como sua personagem. Foi quando apareceu na sua vida uma das pessoas que lhe marcou profundamente, uma pessoa muito boa, generosa e maternal, chamada Carmelita. Carmelita era como a comadre de Noemi, era a cozinheira, faxineira e babá.

O impacto que a militância provoca na vida de Noemi incompatibiliza sua relação com João Jaques (CAMARGO, 1997, p. 30). O mesmo aconteceu com o casamento de Rachel e Zé Auto, após ter sido preso em São Paulo. Quando foi liberado, ele não quis saber mais nada

sobre os ideais políticos e nem das reuniões do partido. Também o amor havia acabado e viviam como amigos sob o mesmo teto. Para Rachel, após a morte súbita da sua filha, tudo muda, torna-se mais rebelde, e atua mais ativamente no partido, o que lhe dá mais liberdade para escapar de sua dor. Acusam-na de comunista, queimam seus livros em praça pública, em Salvador -Bahia. Também foi presa. Sua grande tristeza com a perda da filha, torna-se insatisfação e revolta perante o mundo e Deus. Rachel, como se sabe, na tentativa de superar a dor da perda de dois entes queridos, decide voltar ao Ceará e trabalhar em uma empresa de exportação judaica, a empresa chamada de G. et Fils Gradhvol (HOLLANDA, 2004, p. 18). Como Noemi, Raquel também esteve trabalhando algum tempo no comércio cearense.

Noemi foi demitida do emprego porque rompeu o casamento em uma época, os anos 30, que mantê-lo era responsabilidade da mulher. Rachel também se separa do marido, José Auto da Cruz Oliveira, em 1939. Consumada a separação, mantém uma relação estável com o médico Oyama de Macedo, seu companheiro e cúmplice de ideais.

Noemi perde o único filho; e Raquel, a única filha. Noemi foi presa, mas logo solta por estar grávida; Raquel foi presa, mas logo solta porque sua filha ainda mamava.

Bem como a protagonista, a autora talvez tenha passado pelos mesmos preconceitos e opiniões, porque ambas eram separadas, em uma década que não existia a lei de apoio ao divórcio, ambas militantes e ambas mulheres em um mundo machista e conservador.

Para completar o seu sofrimento, Guri, seu único filho, adoece e morre. Em 1935, a única filha de Queiroz também morre com apenas 18 meses, vítima de septicemia. Noemi, também perde o seu único filho vítima de uma doença que sintomaticamente, poderia ser a mesma doença que matou a filha da escritora, porque também morreu em um espaço de 24 horas, e esta personifica a morte de sua filha na de Guri.

Para terminar com o ciclo de desastre, Noemi e Roberto foram presos e, além disso, ele foi mandado para uma colônia penal no Sul e, portanto, aumentou o número de perdas da



protagonista. Completamente abandonada, sem dinheiro, sem emprego e vivendo dias de miséria.

Em 1934, prenderam e levaram para a cadeia todo o grupo trotskista, menos a Rachel de Queiroz porque tinha uma filha pequena, que ainda mamava, por isso os policiais a deixaram em casa. O mesmo acontece com Noemi, sua gravidez lhe salvou de ser presa. Como Roberto e Noemi, a escritora tinha que acordar de madrugada e, muitas vezes distribuir panfletos revolucionários.

A obra termina com a cena em que Noemi sobe uma rampa, indiferente, misteriosa, sentindo a gravidez como uma contingência, ou uma esperança, um símbolo de continuidade e renovação (BRUNO, 1977, p. 65). Ela carrega no ventre o filho de Roberto, sobe lentamente a ladeira. A subida é um símbolo de ascensão, o conhecimento de uma elevação integrada de todo ser (CHEVALIER, 1993, p. 378), e a matriz (útero) "é universalmente ligada à manifestação, a fecundidade da natureza e da regeneração espiritual" (Idem. p. 599).

A galeria de protagonistas de Rachel instaura o direito da mulher defender sua individualidade e autodeterminação. A romancista recusa a questão amorosa, objetivo e traços da obra romântica tradicional. Nos seus romances, a pesar de descrever um amor muito intenso entre os apaixonados, opta sempre pela separação do casal e a perda da pessoa amada. Por outro lado, chama a atenção a falta de descendência em todas suas protagonistas. Nas suas ficções os filhos não existirão, morrem em abortos, por doenças ou ainda não nasceram. Suas protagonistas trilham caminhos individuais muito difíceis, frequentemente são derrotadas por essa dura opção, mas todos os romances terminam, sem exceção nenhuma, em um passo rumo ao desconhecido (HOLLANDA, 2004, p. 29).

#### Referências

BARBOSA, M. L. L. (1999). **Protagonistas de Rachel de Queiroz**: caminhos e descaminhos. São Paulo: Pontes.

BRUNO, H. (1977). **Rachel de Queiroz - Clássicos Brasileiros de hoje**. Rio de Janeiro: Ed. Cátedra.

CAMARGO, L. B. De. (1997). Romance proletário em Rachel de Queiroz vendo o lado de fora pelo lado de dentro. **Revista de Letras**. Curitiba: UFPR, nº. 47.

CASCUDO, L. C. (2002). **Dicionário do folclore brasileiro**, 11ª. ed. São Paulo: Global.

CHEVALIER, J., & Gheerbrant, A. (1993). **Dictionnaire des symbols**. Paris: Éditions Robert Laffont.

GUERELLUS, N. S. (2009). "Modernos e Passadistas: Os primeiros escritos de Rachel de Queiroz e a escrita de mulheres no Brasil (1927-1930)". **II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais**: Culturas, leituras e representações. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense.

HOLLANDA, H. (2004). **Rachel de Queiroz**. São Paulo: Global.

\_\_\_\_\_. (2005). **Rachel de Queiroz**. Rio de Janeiro: Agir.

HULET, C. (1974). **Brazilian Literature**. Washington, D. C., Georgetown: University Press.

PEDRO, J. M. (2005). **Traduzindo o debate**: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*. São Paulo, 24( 1), pp. 77-98.

PEREZ, R. (1970). Rachel de Queiroz. **Escritores brasileiros contemporâneos**, 2ª. ed. São Paulo: Civilização Brasileira.

QUEIROZ, R. (1985). "História da velha Matilde". **Cem Crônicas reunidas**. Rio de Janeiro: José Olympio.

\_\_\_\_\_. (1997). "As três Rachéis". **Rachel de Queiroz**: Cadernos de Literatura Brasileira. São Paulo: Instituto Moreira Salles, nº. 4.

\_\_\_\_\_. (1997). **Memorial de Maria Moura**. São Paulo: Siciliano, p. 79.

\_\_\_\_\_. **Um pão por dia**, Estado de São Paulo, (01 de junho de 2002).

\_\_\_\_\_. (2004), **Caminho de pedras**. 12ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

\_\_\_\_\_. (2009). **As três Marias**. 25ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

\_\_\_\_\_. (2010). **Não Me Deixes – Suas Histórias e Sua Cozinha**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

\_\_\_\_\_. (2010). **O Quinze**. 90ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

\_\_\_\_\_, & Queiroz, M. L. (2010). **Tantos anos**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

SCOTT, J. (1990). “Gênero: Uma categoria útil de análise histórica”. **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, nº. 16, 2 jul/dez.

SOIHET, R., & Pedro, J. M. (2007). A emergência da pesquisa da História das mulheres e das relações de gênero. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, 27(54).

XAVIER, E. (1998). **Declínio do patriarcado**: a família no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos.

(Recebido em 25/05 – Aceito em 05/10/2014)